

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

~~~~~  
O PAVILHÃO PORTUGUEZ DO QUAI D'ORSAY



Levy et C<sup>o</sup> photographes, Paris.

EXTERIOR DO PAVILHÃO



EM fevereiro d'este anno de 1889, e em seguida a uma carta de Mariano Pina publicada nas columnas do *Seculo*, acerca do modo como estayam sendo conduzidos em Paris os trabalhos da representação de Portugal no Campo de Marte, até então exclusivamente confiados ao presidente da Associação Industrial de Lisboa, — os *Pontos nos ii* entraram em campanha contra os actos do sr. Visconde de Melício.

A esta campanha sustentada por mim e por Mariano Pina nas columnas d'este semanario, adheriram imme-

diariamente quasi todos os jornaes de Lisboa, especialmente o *Tempo*, as *Novidades*, o *Seculo*, os *Debates*, o *Dia*, o *Jornal da Noite*, o *Correio da Manhã*, a *Gazeta de Portugal*, etc.

Não é este o momento de vir recordar as criticas que adormecem, e as troças cujos eccos já desapareceram dos ouvidos de Lisboa. Esta allusão á passada campanha vem apenas a lume para apresentar hoje ao publico os trabalhos realizados; e para provar que o redactor artistico dos *Pontos nos ii* não foge a responsabilidades, quando é preciso collaborar n'uma obra util e patriótica.

A salutar campanha de fevereiro e março de 1889 contra o sr. Visconde de Melício, deu em resultado a representação em Paris do que ha de mais importante como expressão da nacionalidade portugueza — a sua Agricultura e as suas Colonias.

A Associação Industrial procurava excluir de



Otto. phot.

UM CANTO D'ESCALADA (Loiças das Caldas da Rainha).



Otto. phot.

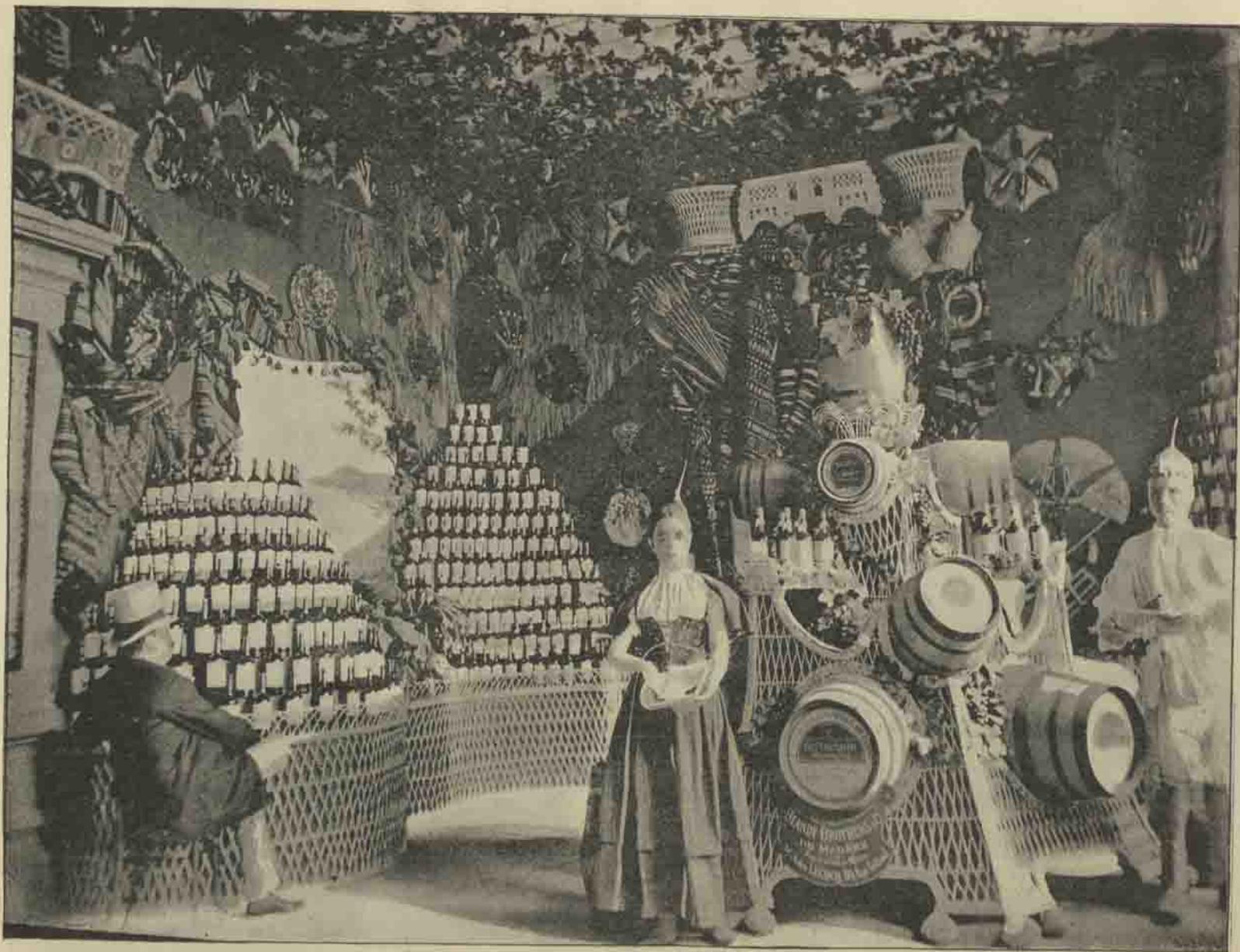
SALA D'ENTRADA. — EXPOSIÇÃO DE VINHOS DA MADEIRA.



502274

Otto, phot.

SALA D'ENTRADA. — EXPOSIÇÃO DE VINHOS DO PORTO (Delegação vinícola do Norte)



Otto, phot.

SALA D'ENTRADA. — EXPOSIÇÃO DE VINHOS DA MADEIRA.



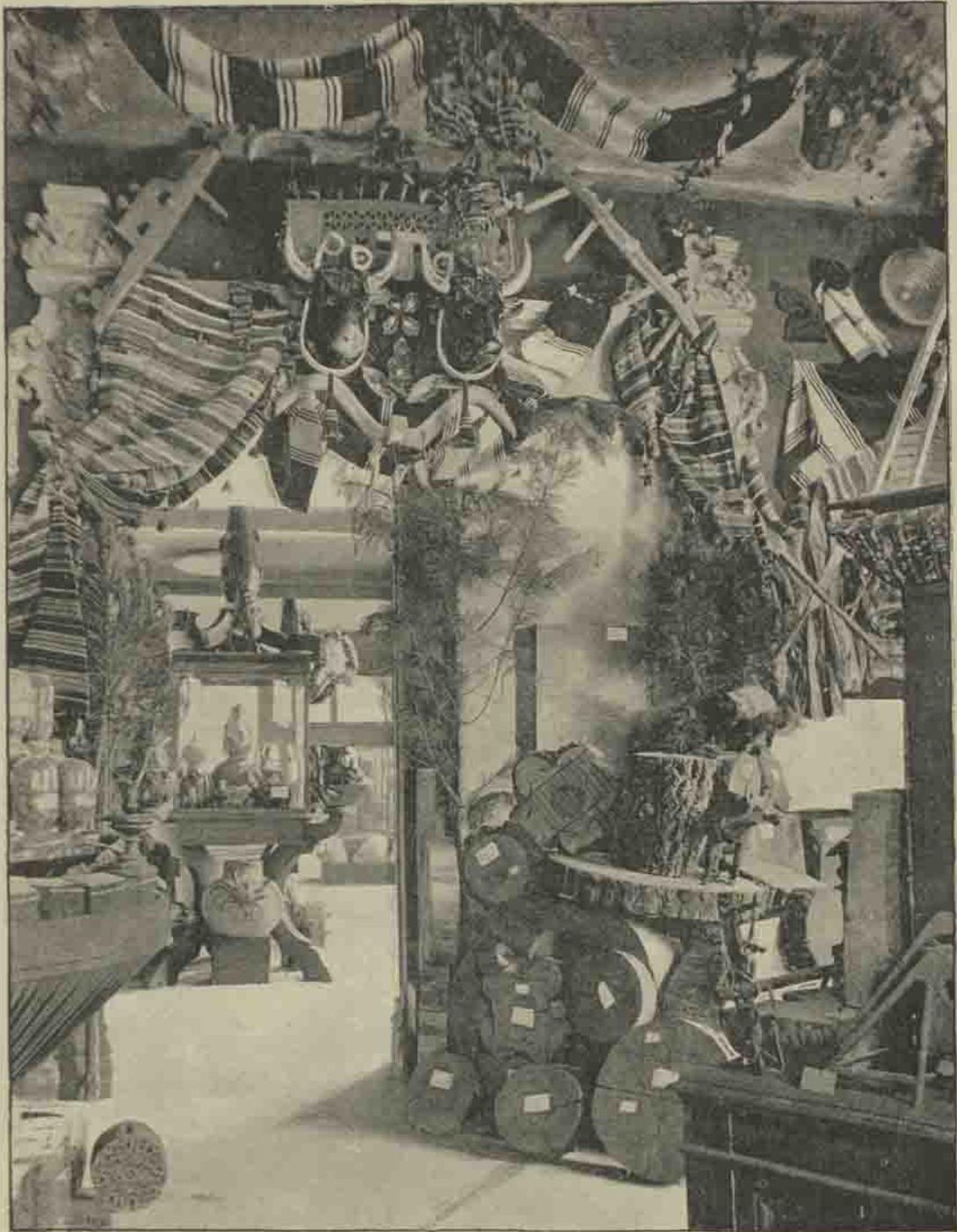
Otto, phot.

SALA D'ENTRADA. — TECTO CENTRAL.



Otto, phot.

REZ-DO-CHAO. — EXPOSIÇÃO DAS MATTAS.



Oma, phot.

REZ-DO-CHÃO — EXPOSIÇÃO DAS MATTAS

Paris justamente o que constitue a importância interna e externa da nossa terra.

O governo portuguez comprehendeu á ultima hora — graças ás reclamações de toda a imprensa — a immensidade do erro que se ia praticar no estrangeiro, em plena Exposição universal. E apoiando os desejos da Real Associação d'Agricultura, da Associação Commercial do Porto, da Delegação Vinicola do Norte, da Sociedade de Geographia de Lisboa e do Museu das Colonias, convidou estas corporações a collaborarem n'uma larga representação em Paris, e nomeou para seu fiscal em Paris o sr. Mariano de Carvalho.

Fui então chamado pelo sr. Mariano de Carvalho para collaborar artisticamente na nossa exposição agricola e colonial. E como todo o meu desejo era que essa exposição sahisse do vulgar e tivesse uma caracter absolutamente portuguez, — de modo algum quiz fugir á responsabilidade d'um tal encargo, não porque me fiasse nos meus meritos, mas porque sabia de quantos recursos pittorescos o meu paiz dispõe, para se collocar dignamente ao lado dos paizes que teem um caracter seu e uma vigorosa tradição nacional.

E se o pavilhão portuguez do Quai d'Orsay não era exteriormente o pavilhão portuguez que eu havia phantasiado, a culpa não foi minha. Esse pavilhão já se achava começado, e era preciso respeitar os contractos feitos e assignados entre a casa Allard de Paris e o sr. Visconde de Melicío, não só para não aggravar os orçamentos, mas tambem porque não havia tempo material para recommençar uma outra construcção que mais se aproximasse dos typos da architectura portugueza.

O exterior d'esse pavilhão, apesar de agradavel nas suas linhas geraes, podia ter tido mais caracter de século XVIII portuguez, — se o architecto tivesse encontrado melhores auxiliares e documentos mais complectos; se tivesse dado aos ornatos o caracter da loiça, como se fez interiormente na sala dos marmores e das minas; se tivesse enegrecido as paredes, em vez de as deixar em toda a brancura do gesso; se tivesse dado resistencia bastante á torre, para

collocar um carrilhão que seria tocado por algum dos optimos sineiros de Lisboa; e se se tivessem amarrado ao pavilhão alguns typos dos nossos barcos de pesca, as *muletas*, por exemplo, como eu as pedi, com as familias dos pescadores, e as nossas *galeotas* com os seus *algarves*. Mas o *pittoresco* parece desagradar sobremaneira aos organizadores de exposições portuguezas; e é por isso que nós nunca procuramos no estrangeiro dar uma *ideia artistica* da vida das nossas provincias e das nossas colonias, com mêdo que nós alcunhem de *atrazados* ou de *selvagens!* E se assim tivesse pensado a Hollanda, Paris não teria admirado a sua *aldeia javaneza*; e se assim tivesse pensado a França, a exposição nunca teria contado no numero das suas maravilhas, a serie admiravel de pavilhões e aldeias que constituíam a exposição colonial franceza da esplanada dos Invalidos...

Todos estes detalhes de organização e de exterioridade, que assim apontados parecerão talvez de pouca valia, teriam concorrido para um prodigioso successo do nosso pavilhão sobre o Sena, — tanto mais que foi enorme o exito obtido pelos barcos dos armazens do Louvre, em nada comparaveis com a belleza das nossas esplendidas *galeotas reaes*.

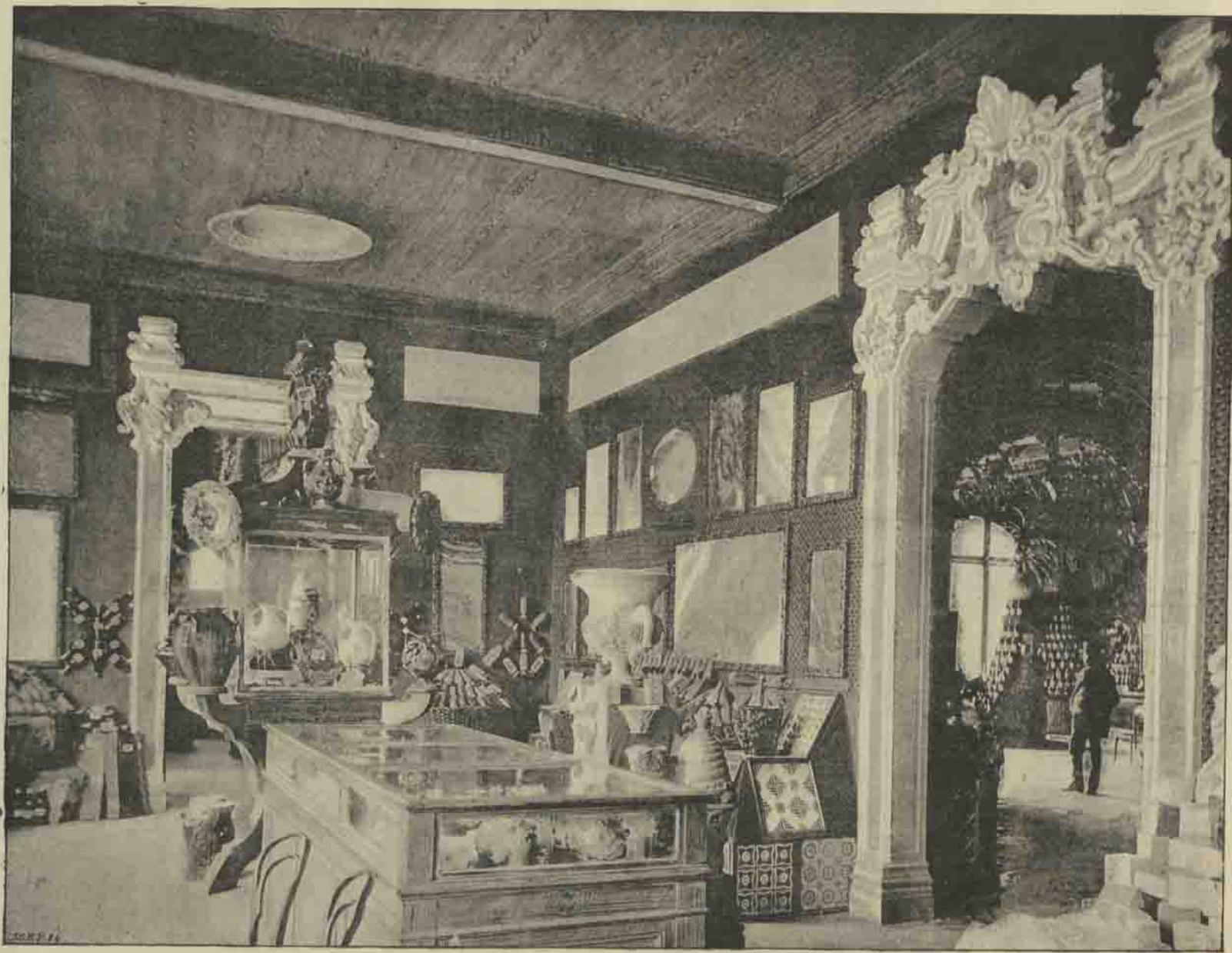
Melhor ainda, teria sido a execução — depois d'algumas modificações necessarias — do plano apresentado em setembro de 1888 ao ministerio das Obras publicas por Mariano Pina, em nome do comité de Paris de que faziam parte os srs. Carlos Lobo d'Avila, visconde d'Azevedo Ferreira, Camillo de Moraes e Domingos d'Oliveira. Esse plano era a reproducção da torre de Belem, com a sua maravilhosa architectura e a sua cor tão caracteristica. — construcção que de certo seria adquirida no fim da Exposição pela municipalidade de Paris, como ornato indispensavel da margem esquerda do Sena...

Apesar dos defeitos, e principalmente da falta d'estylo do pavilhão actual, ainda se poderia ter alargado o jardim do lado do caes até á entrada dos vapores, collocando-se na parte baixa da casa destinada aos *secours aux noyés* uma parreira verdadeira, servindo de resguardo



Otto, phot.

REZ-DO-CHAO. — EXPOSIÇÃO DAS MATTAS.



Otto, phot.

REZ-DO-CHAO. — EXPOSIÇÃO DE CEREAS, MARMORES E MINAS.

a um carro do Porto, tirado pelos lindos bois do Barroso, e sobre o carro uma pipa de vinho verde; para se fazer a prova do vinho ao ar livre. Aos lados collocar-se-iam as arvores com a vinha verde, e ter-se-ia terminado o quadro com attributos da vida rural das nossas provincias do norte. Seria encantador, como pittoresco e

como vida, e mostraria um gracioso e risonho aspecto do nosso paiz, que tão mal conhecido é dos estrangeiros, que pensam que o pittoresco é um monopolio exclusivo da Hollanda ou da Suissa.

Mas as economias? não permittiram que se fizessem despesas a que a burocracia chama *inu-*



BACIA E JARRO DE FAYANÇA BRANCA DAS CALDAS, comprados por M. Coquelin.

teis; e foram a'nda as economias que privaram o pavilhão d'uma larga ornamentação de plantas, como estava indicado nos meus planos, ornamentação que se não fez por se julgar demasiadamente cara...

Todos estes detalhes e as mil difficuldades que precederam a organisação d'esta exposição, feita no meio do maior cahos, de mil intrigas e de mil luctas intestinas, miserias que parecem infelizmente ser inherentes a qualquer generoso empreendimento portuguez, — são difficéis de explicar e de tornar comprehensíveis, hoje que os

trabalhos foram vencidos, hoje que a Exposição de Paris chegou ao seu termo.

Mas o que é indiscutível é que, se se tivessem começado regularmente — e a tempo — todos os trabalhos, e reunido todos os elementos uteis, teriamos feito optima figura em Paris. Mas passaram-se mezes em complicações burocraticas, em discussões inuteis, em mil intrigas e obstaculos — e só começaram os trabalhos de decoraçào interna quando a Exposição já tinha aberto, e ainda com pedreiros, *staffistas* e pintores dentro do pavilhão, sendo difficilissimo fazer uma ornamenta-



Levy et Cie phot.

REZ-DO-CHAO. — EXPOSIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO.



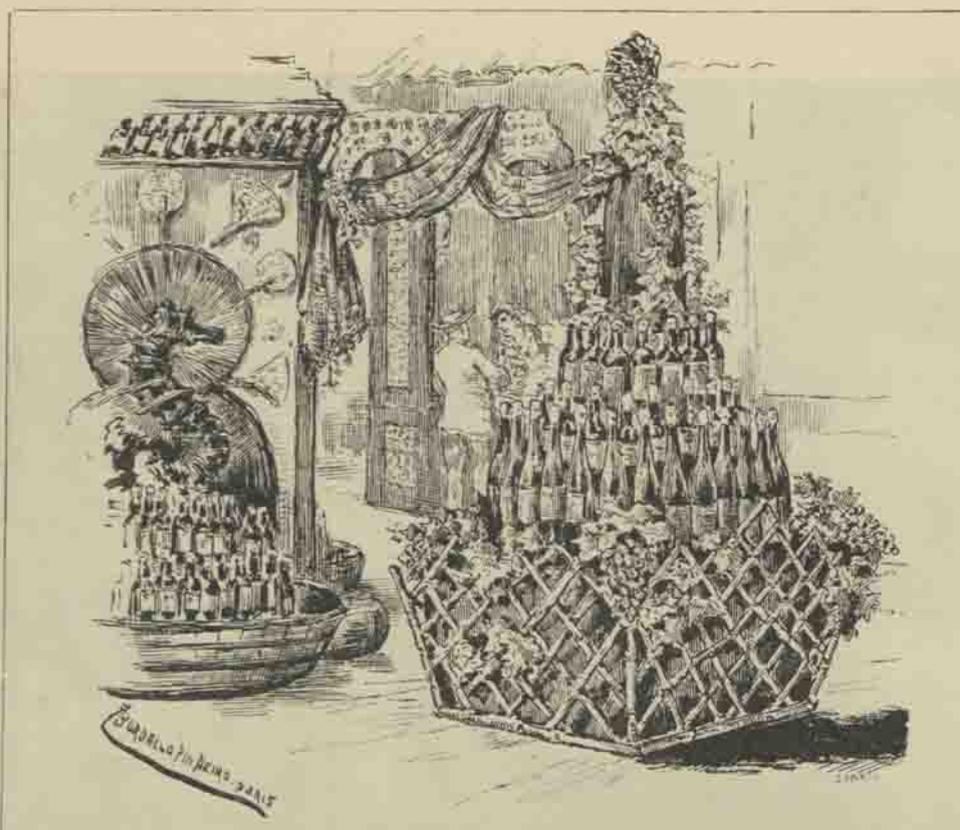
Qlio, phot.

REZ-DO-CHAO. — EXPOSIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO.



Otto, phot.

REZ-DÔ-CHAO DO ANNEXO. — CENTRO E « BAR » PARA PROVAS DE VINHOS PORTUGUEZES.



DETALHES DE ORNAMENTAÇÃO DO ANNEXO  
 (Ferreira e C.<sup>o</sup>, expositores. — Estevão Nunes, representante.)



O BAR DE PROVAS COM TODO O PESSOAL.

ção por partes, com as salas por acabar, o que tornava ainda mais difficil achar a fôrma das decorações.

Tinha felizmente ao meu lado Frederico Ribeiro. Pela amizade que nos liga e pelas vezes que temos trabalhado juntos, tem plena confiança em mim; e por isso se poderam vencer rapidamente as difficuldades que nos surgiam de todos os lados. Encontrei tambem um excellento auxiliar em Carlos Pinto Coelho de Castro, que se encarregou da compra e da procura de estofos e objectos indispensaveis a certas ornamentações, o que nos foi trabalhoso, pela ignorancia em que estavamos das coisas de Paris.

Foi preciso trabalhar com os operarios que vinham offerecer-se ao pavilhão. A não ser o corpo d'estofadores da casa Allard, os mais eram procurados ao acaso, entre os operarios maus de todos os paizes, que não haviam encontrado trabalho no recinto da Exposição — roumaicos, alsacianos, italianos e francezes das provincias, — o que augmentava de difficuldade para lhes entender o *argot*, o *patois*, ou a linguagem viciada de estrangeiros.

Se se tivesse organizado em Lisboa um grupo de operarios sob a minha direcção e de Frederico Ribeiro, teria tudo marchado com mais rapidez, e teria sem duvida custado muito menos dinheiro ao thesouro. Porque todos abusavam da nossa situação, da necessidade que havia em avançar rapidamente, para abrímos sem demora o pavilhão portuguez.

Eis indicados a largos traços, mas para maior clareza do publico, os difficeis e complicados preliminares da nossa exposição do Quai d'Orsay, da nossa exposição agricola, mineira, florestal e colonial, que constituiu o successo da representação portugueza em Paris — successo que poderia ter sido colossal e d'uma grande importancia para o nosso paiz, tão ignorado por vezes e tão mal comprehendido no estrangeiro, se a nossa politica caseira, se a intriga burocatia das arcadas do Terreiro do Paço, não absorvesse attentões e intelligencias, em prejuizo das necessidades urgentes e capitaes da nossa representação, entre os demais paizes da Europa.

Entremos agora nos detalhes das salas e das suas decorações, para explicação das photogravuras que constituem o presente numero dos *Pontos nos ii*. E se a desenhos e *croquis* prefiro hoje a photographia, é tão sómente para que estes documentos da exposição portugueza tenham o maior cunho de verdade e de authenticidade; e que o publico possa ajuizar cabalmente de tudo quanto pude realisar, com os elementos de que dispuz á ultima hora.

Um desenho completo, ou mesmo um simples *croquis*, podia significar da parte do desenhador a escolha de pontos pittorescos, deixando de lado monotonias de *vitrines* ou de prateleiras, que pudesse haver... A photographia, porém, abrangeu tudo, tanto o conjuncto, como os pequenos detalhes, sem ser modificada por qualquer lapis. E como procuro, acima de tudo, um documento verdadeiro e exacto do que se fez, por isso cedo hoje o lugar á photogravura.

Entremos no pavilhão :



COLUMNA ORNADA  
COM ROCAS.

#### REZ-DO-CHÃO : SALA D'ENTRADA

Achava-se aqui installada a exposição de vinhos generosos do Porto e da Madeira.

Desejando dar a esta sala todo o character pittoresco dos dois pontos do paiz que aqui expunham os seus vinhos, tratei de ornar do lado da Madeira as barricas, os centros e as *étagères* com entrançados de vime, como os que se fazem na ilha. N'uma das paredes havia a indicação — MADEIRA, VINHOS GENEROSOS — e mais abaixo, a oleo, um aspecto da entrada da barra do Fun-



Levy et C<sup>ie</sup>, phot.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — PAVILHÃO PORTUGUEZ. — Sala de provas e venda de vinhos.

chal, inspirado d'uma photographia de Camacho, aspecto pintado ligeiramente, como convinha n'uma decoração mural. A sala devia ter sido ornamentada de plantas da região, como bananeiras, inhames, etc. Mas em Paris era impossivel encontral-as, mesmo artificiaes, — e nós não tinhamos, nem recursos, nem tempo, para seguir o exemplo da commissão brasilei-

ra que mandou vir do Brazil os mais curiosos exemplares da sua flora, com que ornou o pavilhão e os seus jardins do Campo de Marte.

O tecto d'esta sala era formado por uma parede. Quiz fazer os ornatos com rendas da ilha; mas o trabalho precipitado, a duvida e a desconfiança que as minhas opiniões decorativas inspiravam, as difficuldades que o ar-



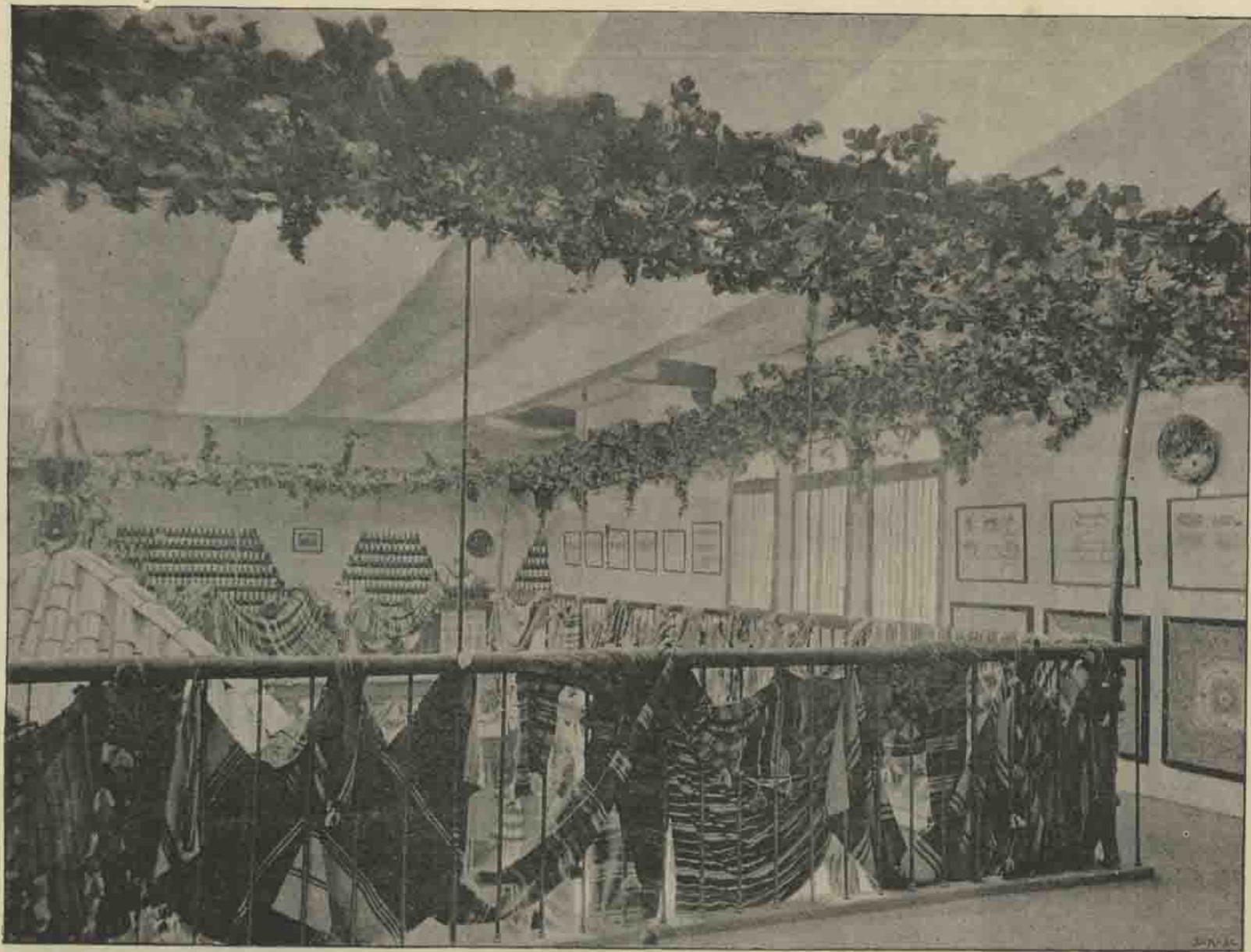
DETHALHES DE ORNAMENTAÇÃO DO ANNEXO  
(Exposição da casa Macieira.)

tista portuguez sempre encontra para que o oiçam e para que o sigam, tudo impedio para que as rendas viessem, e se utilisassem.

Os cantos das paredes eram ornados com capas de palha, formando com garrafas enormes borboletas. Só a dó canto do lado da janella produzio inteiramente o effeito flagrante que eu procurava, e que era difficil de realisar, attendendo á difficuldade de me fazer comprehender dos operarios, e á circumstancia de estarem trabalhando n'um genero de decoração e de estylo

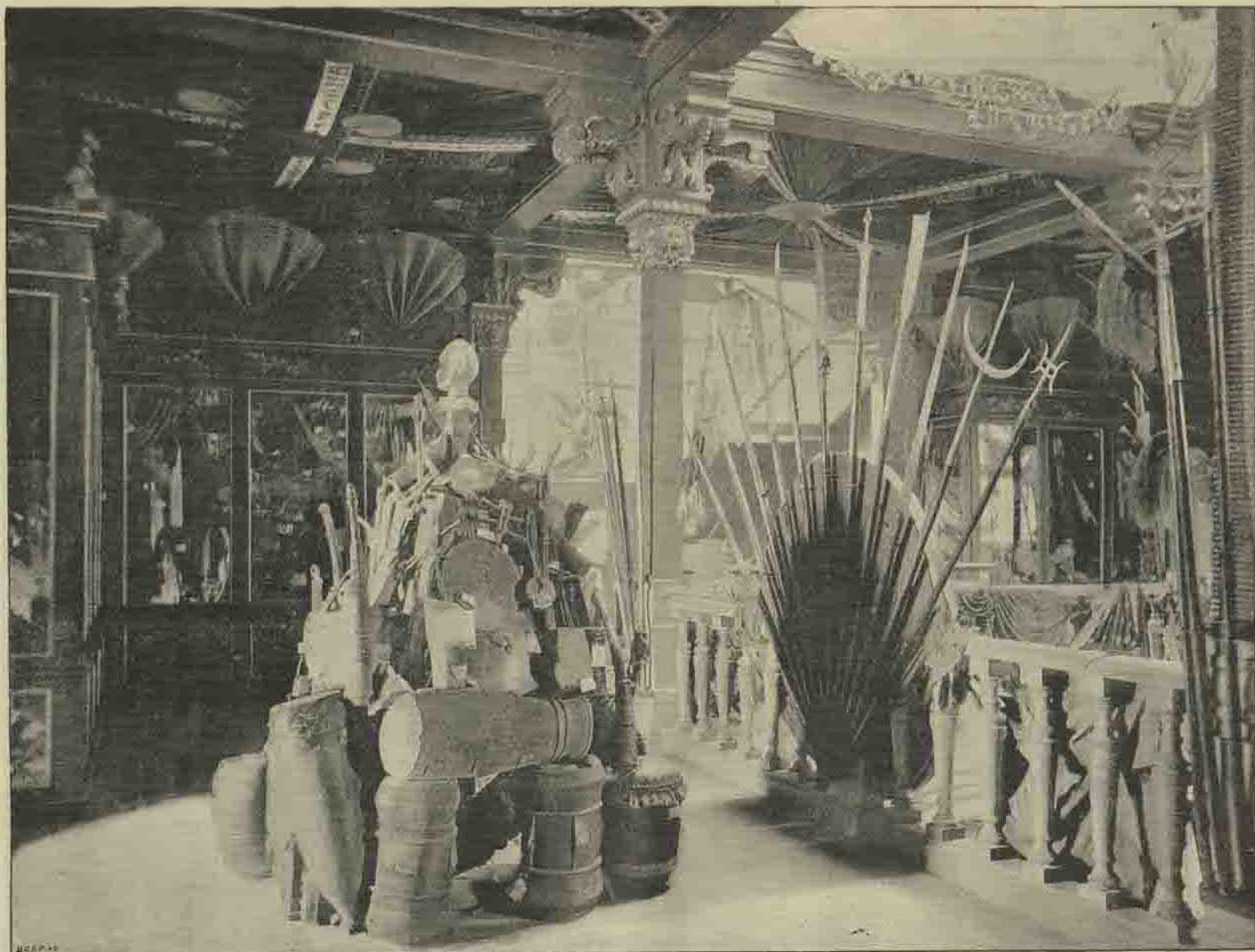
totalmente differentes do caracter e do typo francez.

Do lado do Porto segui o mesmo plano da Madeira; e o trophéo rustico que colloquei na parede do fundo, foi uma das obras que mais troças occasionou entre os meus compatriotas, deixando-os na duvida alegre de que eu estava doido, ou de que eu era um imbecil. Esse trophéo composto de todos os attributos caseiros das nossas provincias do norte, ainda mais completo e mais pitotresco teria ficado, se me



Otto. phot.

GALERIA DO 1.º ANDAR DO ANNEXO COM A PARREIRA.



Otto, phot.

PRIMEIRO ANDAR. — GALERIA DAS COLONIAS.

tivessem fornecido todos os objectos que requisitei para Portugal. E em paga de certos sorrisos que esse trophéo provocou da parte de amáveis conterraneos, — resta-me a consolação de que muitos dos artigos que o compunham vão figurar agora nas collecções ethnographicas do museu do Trocadero, em Paris.

M. Landrin, director d'esse museu, tomou

nota, não só d'estes, mas de muitos objectos da nossa vida rural, e que lhe eram totalmente desconhecidos. Para alcançar muitos d'estes attributos rusticos, de que compatriotas *civilizados* se envergonhavam, imaginando que dariamos em Paris, não uma ideia *nacional e pittoresca* do nosso paiz, tão profundamente agricola, mas uma ideia *selvagem* (!) da nossa terra, — devo



Otto, phot.

PRIMEIRO ANDAR. — EXPOSIÇÃO COLONIAL.

muitissimo ás auctorizadas indicações do sr. Joaquim de Vasconcellos, e ao extraordinario auxilio do sr. Costa Carregal, director da Typographia Occidental do Porto que, com sacrificio dos proprios interesses, percorreu varias feiras do norte de Portugal, donde me enviou os objectos que tanta attenção mereceram por parte de M. Landrin, e de artistas parisienses, como Clairin e outros.

M. Landrin pediu que lhe cedessem para o Trocadero o maior numero possivel d'esses ob-

jectos, o que se me affigura bastante honroso para o nosso paiz. E os desgostos com que foi mimoseado o sr. Costa Carregal, ficam bem compensados com semelhante distincção...

Sobre as portas d'esta sala, estão as cangas polychromas, enfeitadas de sogras e lindas borlas do Minho. As sobreportas são formadas por violas do Minho e pratos de uvas.

O tecto central era formado por uma esteira do Algarve, suspensa por cilhas do Porto. Do centro rôto cahia um grande cacho, onde pou-

sava uma vespa de loiça. Os cobrejões que formavam os lados do tecto eram, de espaço a espaço, suspensos pelas vespas.

### SALA DAS MATTAS

A principal dificuldade da ornamentação d'esta sala, consistia em ter de evitar os defeitos

das portas, que para o lado da *sala d'entrada* eram estreitas, e largas para o interior da *sala das mattas*, ficando por esse facto tortas.

Uma questão qualquer de construcção levou o architecto do pavilhão a conservar este defeito, que me exforcei por corrigir, pintando na meia porta falsa um aspecto do pinhal de Leiria, fazendo fundo ás madeiras d'aquella região, assim



Otto, phot.

PRIMEIRO ANDAR. — EXPOSIÇÃO COLONIAL.

como aos troços de madeira que tinham servido em minas, etc., — e cobrindo as hombreiras da porta com pinheiros que mandei vir das Landes, por não se encontrar perto de Paris o typo do nosso pinheiro marítimo.

Ter-se-ia conseguido muito mais, a exposição das mattas teria um outro aspecto e uma outra importância, se tivesse havido a facilidade de mandar vir, entre outras coisas, uma porção dos magníficos pinheiros de Leiria. Mas tudo eram dificuldades e hesitações!... Também a collecção

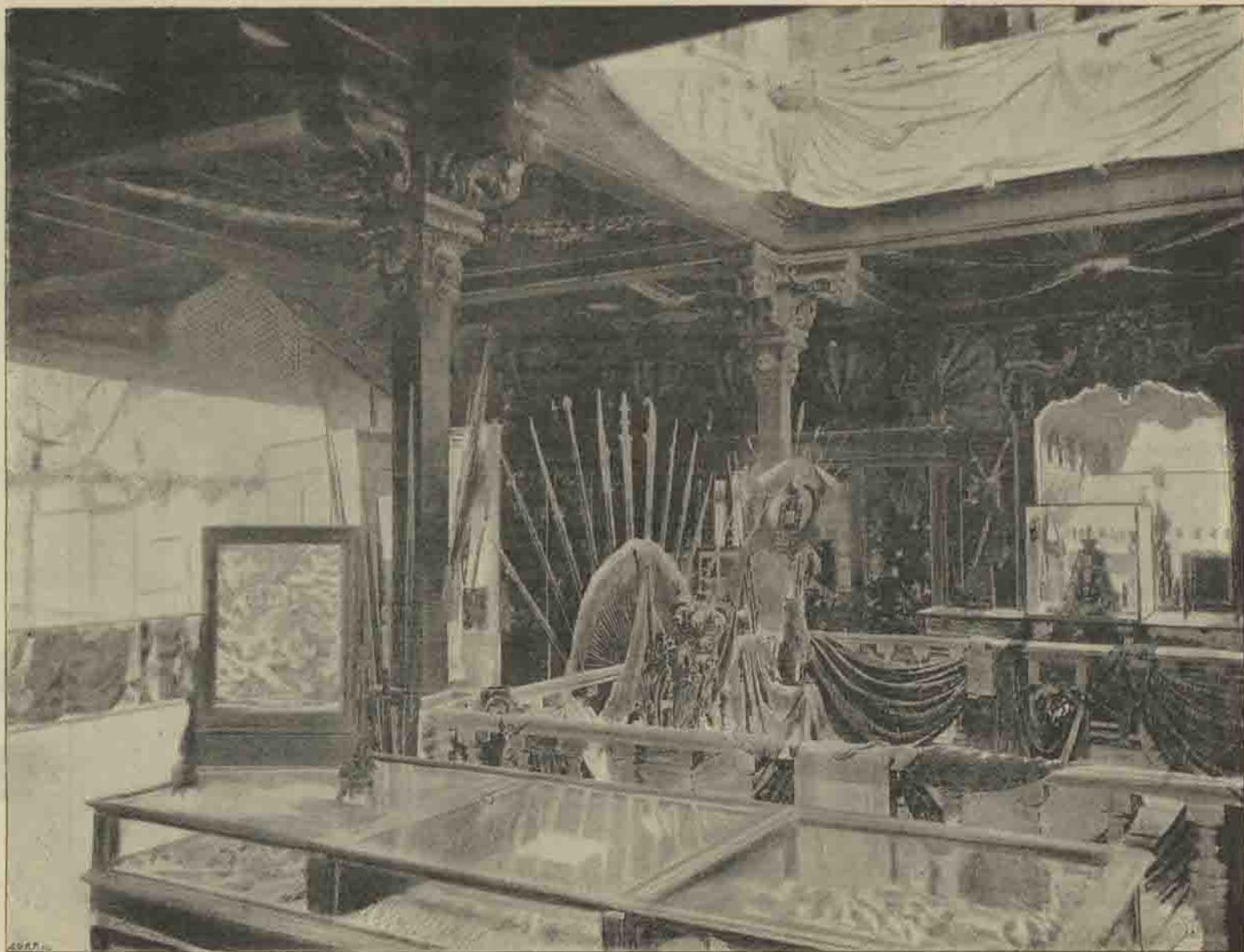
era pequena, e como não quizesse alterar-lhe as classificações, d'ahi provinham constantes embaraços para a decoração da sala. O proprio commissario das florestas, o sr. Pedro Roberto da Silva, chegou a desanimar, e quasi a desejar que a expesição se não fizesse.

Tambem fiz n'esta sala a exposição de cestos e entrançados de vime e de palha, uma das industrias mais curiosas do nosso paiz, sendo alguns exemplares originalissimos, como os cestos do Porto e Coimbra. Ornamentei-os com



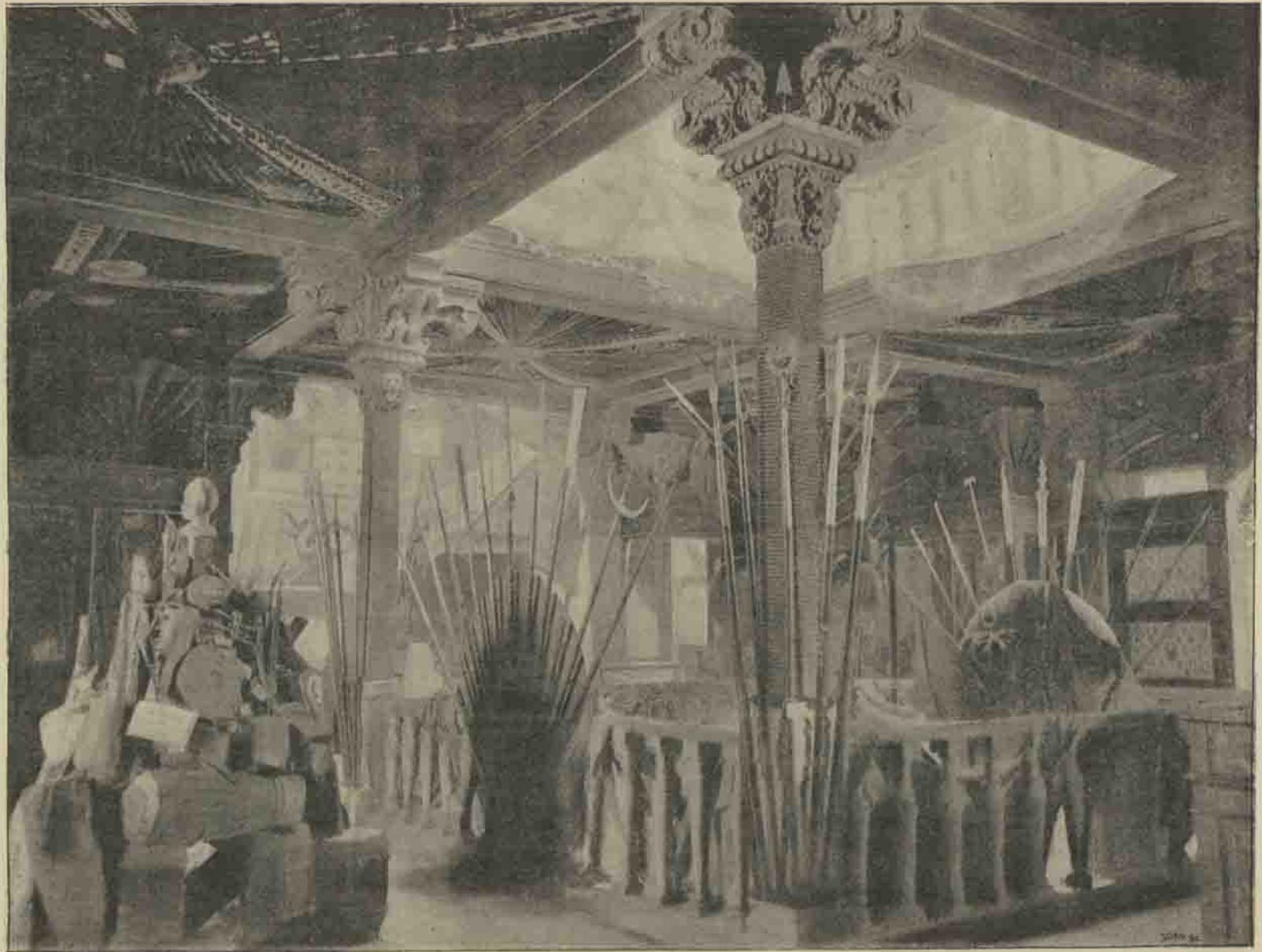
Otto, phot.

ESCALA CONDUZINDO DO 1.º AO 2.º ANDAR DO PAVILHÃO.



Otto, phot.

PRIMEIRO ANDAR. — GALERIA DAS COLÓNIAS.



Otto, phot.

PRIMEIRO ANDAR, — GALERIA DAS COLONIAS.



UM IDOLO FAMOSO

alguns animaes que pude obter d'aquellas regiões, e que tirei dos seus tristes pedaes de museu, espalhando-os com um ar de vida...

Expuz todos os mappas, e ainda os trabalhos das resinagens em pequenos pinheiros, por não poder obter os grandes.

Tive a satisfação de me ter encontrado no mesmo pensamento com o notavel architecto do pavilhão das florestas francezas, e que se achava situado nos jardins do Trocadero. Esse architecto e installador teve a seu favor, entre outros muitos recursos de tempo e de dinheiro, a inteira confiança do ministerio que o encarregou d'aquelle soberbo trabalho.

#### SALA DOS MARMORES E MINAS

Uma grande difficuldade d'espaco para collocar n'uma sala só: — marmores, cereaes e mineraes.

Ornamentei as paredes com os marmores,

emoldurando-os em chitas portuguezas, das mais nacionaes que encontrei na casa Anjos e C.<sup>a</sup>. — e que são deliciosas de desenho e côr. Permiça Deus que as não sacrifiquem ás imitações das chitas inglezas d'exportação, para paizes onde o exaggero do desenho e da côr são documentos de selvageria... Procurei imitações das chitas portuguezas por todo Paris, nos grandes armazens do Louvre, do Bon Marché e do Printemps, e não só as não encontrei, mas as que das nossas vagamente se approximavam, vendiam-se por preços exhorbitantes.

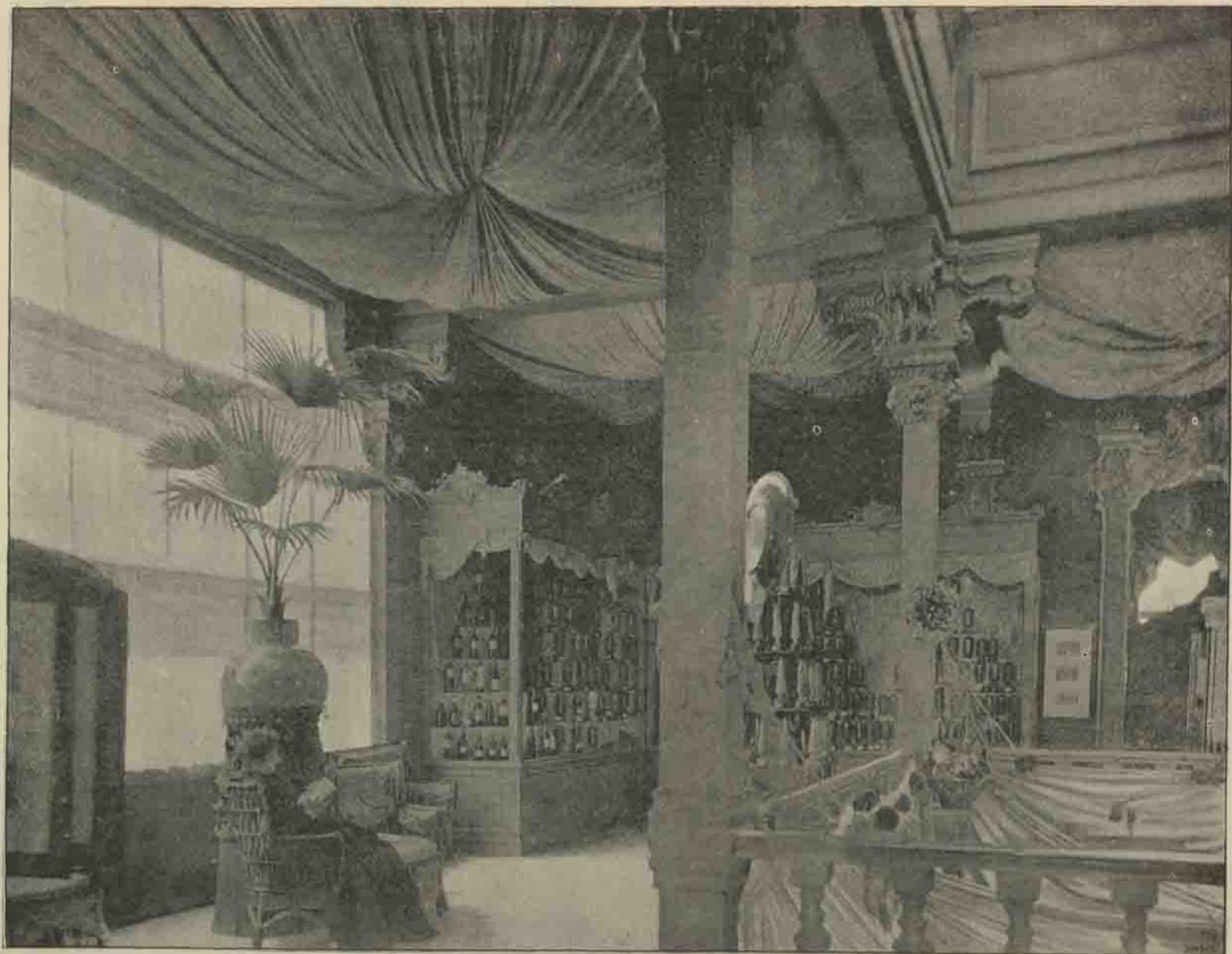
Guarneci os frisos com azulejos de assumptos populares portuguezes que eu pintei, emoldurando-os em pinho. E as portas que tinha n um falso caracter D. João V, dei-lhes o typo da velha fayança do Rato, com amarello-canario, branco e dois azues. O mesmo caracter nacional imprimi ás *montras* para exposição dos cereaes, dando-lhes a fórma de cestos vindimos, — o que era difficil de executar em Paris. Mas fez-se! Sómente os cereaes, que deviam estar dispersos em ceiras ou em saccos, estavam todos em frascos, — o eterno e odioso frasco de botica, que é o nójo de certas exposições!...

A esta sala e á das mattas ainda mais caracter lhes imprimiam os bellos costumes dos nossos guardas das mattas, que muito chamavam a attenção. E se se tem seguido a minha ideia de ter todos os guardas do pavilhão vestidos com costumes nacionaes (de *campinos* e outros) teriamos alcançado um enorme successo.

N'esta sala das minas não puderam ficar as enormes pedras do expositor sr. Rato, por conselho do architecto que receiava a cada instante um desastre, por causa da pouca solidez do pavilhão, todo feito de madeira, e sustentado sobre estacas pouco resistentes.

#### SALA CENTRAL DO PORTO

Esta sala foi uma das mais trabalhosas na sua decoração, por ter sido completamente ornamentada n'um estylo D. João V — e por ser difficilissimo harmonisar agglomerações de garrafas de vinho com qualquer estylo architectonico. Tambem tive de lhe corrigir certos pedaços de



Otto, phot.

SEGUNDO ANDAR. — GALERIA DAS COLONIAS.



Otto, phot.

SEGUNDO ANDAR. — EXPOSIÇÃO DE CONSERVAS E AGUAS MINERAES.



Orto, phot.

SEGUNDO ANDAR. — EXPOSIÇÃO DE CONSERVAS.

ornamentação, de lhe acrescentar outros, e de a dourar.

Era bastante escura. Pensei abrir-lhe quatro oculos no estylo da epocha. Mas foi impossivel por causa da construcção, que podia correr risco, no momento em que fossem cortadas certas vigas.

O centro era feito de garrafas, e estava preparado para ser illuminado com luz electrica, o que daria immenso brilho e grande realce á côr topazio do vinho do Porto. Pensei a principio ornamentar toda esta sala com vinha e com camelias, que são a flôr por excellencia da cidade do Porto. A ideia da ornamentação com camelias foi regeitada — « por não ser séria n'uma exposição de vinhos! » — Curvei a cabeça, e mandei a ideia de presente ao diabo...

Ornamentaram-se todas as caixas; e o centro de garrafas teve de ser reforçado pela parte inferior, porque o soalho não podia supportar aquelle pezo. Foi este um importante trabalho de Frederico Ribeiro.

#### SALA DO ANNEXO

Foi aqui que eu pude trabalhar mais á vontade, por não haver nenhuma decoraçáo primitiva.

A construcção central fil-a na intenção de ser uma grande fonte, donde jorrasse vinho para umas dornas que mandei fazer.

Mas foram tamanhas as difficuldades para pôr em execução o mais ligeiro e inoffensivo projecto que quizesse sair fóra do commum, e ter uma leve e humilde nota de originalidade, — que tive até de desistir d'uma construcção do *bar*, tendo toda a fôrma portugueza. A telha verde-vidrada com que era coberto o tecto não chegou, porque se recebeu em Paris quasi toda partida, por mal acondicionada á sahida de Lisboa. E percorrendo toda a Exposição universal para ver se a podia substituir, não encontrei em nenhum ceramista telha igual ou que se aproximasse da nossa, como fôrma, côr e vidrado. Que melhor prôva da sua originalida-

de?... Fui forçado a servir-me da telha de Marselha, que se mandou pintar de verde dentro do pavilhão...

Era na gal'eria exterior do annexo, que olha para o Sena, debaixo da varanda, que eu queria construir o *bar* para a prova do café das colonias — fazendo como que uma *serre* envidraçada, com o mappa d'África pintado nos vidros, especialmente os pontos principaes donde vinha o café que se provava, e cobrindo-lhe o fundo com arvores da flora africana.

Tambem desejava que as mulheres fossem as mesmas das localidades, como fizeram os holandezes, tendo ao lado as francezas para vender. D'este modo não seriam os nossos *bars* exclusivamente servidos por *portuguezas* oriundas de Batignolles...

Era esta a famosa *sala da parreira*, que tantas troças me valeu antes de feita, quando mesmo as cannas ainda não estavam collocadas... Para esta parreira dei ás pedras [que a sustinham a fôrma da pedra portugueza picada, como se usa nas quintas em volta de Lisboa,

#### GALERIA DAS COLONIAS

Todos os armarios feitos na casa Allard, e que mobilavam a galeria, eram pintados de preto. Mandei-os pintar de novo, imitando laca, tendo as pinturas das molduras todo o character do axaroadado das Indias. O numero das molduras era superior a cem.

Como a galeria fosse excessivamente sombria, e para pôr em evidencia os objectos expostos, especialmente os bellos tecidos das nossas colonias, indiquei que se illuminassem interiormente a luz electrica. Hesitou-se bastante. E a razão economica optou pelo petroleo... Já não foi pouco!

Cobri os tectos com estofo da India, porque os tectos estavam todos manchados, por serem feitos de panno com uma camada de colla. E agua entrava por todos os lados, alastrando sobre a colla, e manchando-a...

Esses pannos eram dos do typo da nossa velha India, hoje imitados pelos inglezes.

A dificuldade de expôr centenas de frascos, todos do mesmo feitio, levou-me a mandar construir *étagères* em que segui um pouco a fôrma gothica e oriental, para depois lhe metter plantas d'estufa. Tambem plantas deviam ornamentar a entrada da galeria da parreira; mais a grande janella da galeria do 2.º andar; assim como as oito columnas que formavam os angulos da 1.ª e 2.ª galerias.

Ora só pude, a muito custo, á custa de supplicas, conseguir plantas para o dia da abertura solemne do pavilhão. E aquelles que o viram depois, poderão testemunhar a differença que o pavilhão fazia, sem ellas.

#### GALERIA DO 2.º ANDAR

A galeria do 2.º andar foi arranjada um pouco no estylo Luiz XV — os armarios pintados com o verde egual ao da epocha. Os pannos da India de côres suaves, harmonisavam-se admiravelmente com aquelle estylo e aquella côr, e diminuiam a dureza e a monotonia dos frascos de feijões e de café. Os tectos eram fechados com as armas d'algumas das nossas cidades d'Africa.

#### SALA DAS CONSERVAS

A sala das conservas e das farinhas podia ter sido mais bem ornamentada, se eu pudesse ter contado e ter conhecido com tempo os objectos que havia para expôr.

Ornamentei-a com esteiras do Algarve e com laranjas, para dar bem a ideia do paiz.

Esta exposição ressentia-se muito da imitação franceza nas latas. Antes os expositores tivessem mandado os nossos barris de mexilhão d'Aveiro, e as nossas magnificas conservas de peixe, mas acondicionadas do modo como antigamente se acondicionavam em Portugal.

Tambem podiamos ter exposto uma historia desenhada ou photographada da pesca do atum, e um atum embalsamado. Esta exposição seria uma das mais interessantes e das mais

uteis do pavilhão portuguez, animada tambem com vistas das diferentes praias de Portugal.

N'esta sala estavam tambem expostas as aguas mineraes. Nada pude fazer com a exposição das aguas das Caldas da Rainha, que deviam ter vindo com uma memoria em francez, photographias do Hospital, passeios celebres: lagoa d'Obidos, castello d'Obidos, Alcobaça, Batalha, etc., — tudo quanto pudesse chamar a attenção e attrahir banhistas... Mas a exposição das Caldas da Rainha constava sómente de 26 garrafas!... Não foi por culpa do dr. Berquó; o mal é já atrazado...

Tudo poderiamos fazer e tudo poderiamos conseguir, se acima de tudo, de todas as luctas de partidos e de todas as questões d'individuos, nós fossemos exclusivamente *portuguezes*... Mas não somos, nem para lá queremos caminhar!

A varanda d'este 2.º andar chamou particularmente a attenção, por que foi ornada com as nossas rêdes de pesca, collocadas sobre um fundo ondulado verde-mar. Por entre as malhas brilhavam peixes de loiça, conchas, algas, etc.

#### SALA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

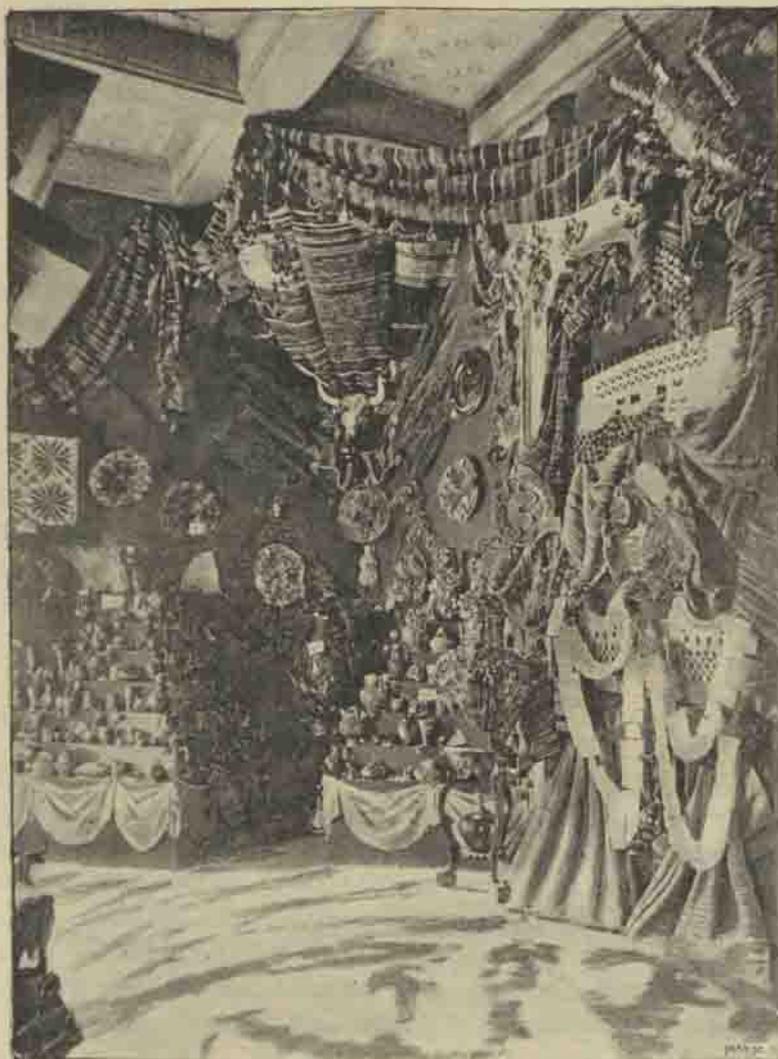
A Sociedade de Geographia de Lisboa não se achava brilhantemente representada, dentro d'esta sala, por se ter dito de começo que figuravam os seus artigos juntos com os do Museu das Colonias. Só tarde, e quando já não havia espaço, é que foi resolvido que ella figurasse separadamente. Além d'isto, entre os objectos escolhidos não figuravam os melhores artigos que a Sociedade possui no seu Museu colonial, como os optimos pannos de missangas, e outros pannos tecidos, e que me teriam evitado o ter pôsto nas galerias outros tecidos que não tinham, nem valôr, nem interesse.

Fiz aqui uma exposição de fayanças d'arte das Caldas da Rainha, sem o quê a sala ficaria muito nua.

Os *africanistas* que visitaram o nosso pavilhão admiraram aqui um famoso idolo, de que

dou um desenho. Esse idolo é notavel pelo imperio que durante 300 annos exerceu sobre os negros d'uma vasta região d'Angola. Os nume-

rosos *ex-voto* de que está coberto testemunham da veneração extraordinaria que os pretos tinham por elle. E os prégos de que o corpo está cri-



Otto, phot.

SEGUNDO ANDAR. — Exposição de fayanças das Caldas da Rainha.

vado representam o numero de vidas sacrificadas em sua intenção.

A ultima sala, ainda de artigos coloniaes, tinha uma cabana, que seria interessantissima, se dentro lhe tivessem collocado um typo de fami-

lia indigena. Esta sala ficou sendo como que um vão d'escada do sr. Conservador do Museu. Até servio para seccar uma grande porção de café que chegou avariado a Paris... Passou a ser a sala dos despejos!...

Eis-me chegado ao fim da minha peregrinação. Dos dissabores passados durante o período da ornamentação e da installação, já não guardo hoje o mínimo ressentimento. Olho para a obra concluída apenas com a vaga tristeza de não ter podido realizar todos os meus projectos, todas as minhas phantasias, todos os planos que havia formado...

N'esta exposição do Quai d'Orsay faltou o tempo, e faltaram sobretudo os elementos *portuguezes*. Abriu a Exposição universal no dia 5 de maio, e n'esse dia ainda o pavilhão e annexo não estavam em condições de serem ornamentados, e faltavam principalmente os elementos de ornamentação.

Mas o que se fez, dá comtudo uma ideia do que se pôde fazer com os prodigiosos elementos artisticos de que o nosso paiz ainda hoje dispõe, — apesar do muito que as nossas industrias tem perdido com a horrorosa mania da assimilação constante das industrias estrangeiras.

Eu bem sei que a maioria dos que se dizem *criticos* na nossa terra, hão de chamar caturrice ou *pose* a esta minha affirmacão absoluta de que Portugal ainda possuie prodigiosos elementos d'um caracter exclusivamente *nacional*, podendo competir com o que ha n'outros paizes d'Europa. Não admira. Entre nós só ha olhos para o que o estrangeiro produz. E toda a nossa ambição seria fazer do nosso paiz uma imitação de tudo quanto se faz em França e em Inglaterra.

Esta é a nossa desgraça! Nós queremos que Lisboa seja « um Paris em ponto pequeno! » Nós queremos que as nossas praias e as nossas cidades d'aguas sejam uma servil imitação das praias e cidades d'aguas de França. Nós queremos que os nossos sitios de verão estejam cobertos de *chalets* suissos. Nós queremos que as nossas industrias percam os restos de caracter nacional que ainda possuem, e passem a copiar cegamente os typos das industrias francezas, inglezas e allemãs. Nós queremos tudo, nas nossas cidades, nas nossas casas, nas nossas mezas, nos nossos theatros, na nossa arte, na nossa littera-



O BENTE DA DISCORDIA, cuja origem (segundo o sr. L. d'Andrade Corvo) é contestada pelo eminente dr. Topizard.

tura e nas nossas industrias, tudo quanto não seja *portuguez*, e tudo quanto cheire a *extrangeirismo*. Nós temos horror ás nossas toiradas, e só suspiramos por uma insignificante corrida de cavallos, ou pela semsaboria d'um tiro aos pombos. O que nós temos vergonha de ser — *portuguezes!*...

Mas que querentão dizer o interesse com que, homens do valor de M. Alphand, Berger, Paul Bourde, Landrin, Dr. Charcot, Clairin, Coquelin, Th. Deck, Champfleury, coleccionadores como o Barão e a Baroneza de Rottschild, percorriam o pavilhão portuguez, desejando obter os artigos exclusivamente *nacionais* que lhe serviam de ornamentação?... Que possuem um gosto depravado; que são uns imbecis; e que nós é que temos razão desdenhando as nossas coisas, — quando são elles que fazem a critica e educam o gosto dos parisienses? Que dirão os nossos *criticos* quando lhes disser que Mme Charcot é o

pintor Clairin, tratam de obter as nossas chitas e os diferentes typos dos nossos cobrejões, para com elles ornamentarem paredes de aposent-se de atelier?...

A minha estada d'um anno em Paris, n'este famoso anno da Exposição, e o successo que obteve o pavilhão portuguez do Quai d'Orsay graças aos objectos portuguezes ali expostos — confirmaram esta minha caturrice: de que em Portugal se deve provocar uma corrente d'opinião para fazer guerra á nossa desgraçada mania d'extrangeirismo, que tanto nos avilta, e tão it-caracteristicos nos torna...

Longe de mim a ideia de negar a necessidade da contemplação e do estudo das artes em França, das industrias em França, Inglaterra e Allemanha. Mas do estudo á parodia, á macaquice, ha um abysmo. E é este abysmo que nós costumamos transpôr, com uma insensatez imperdoável...

É contra este rebaixamento do caracter nacional que eu me revolto. Foi um protesto contra o desdem e a desconfiança pelas coisas essencialmente portuguezas, que eu procurei lavar no pavilhão do Quai d'Orsay, em plena exposição de Paris.

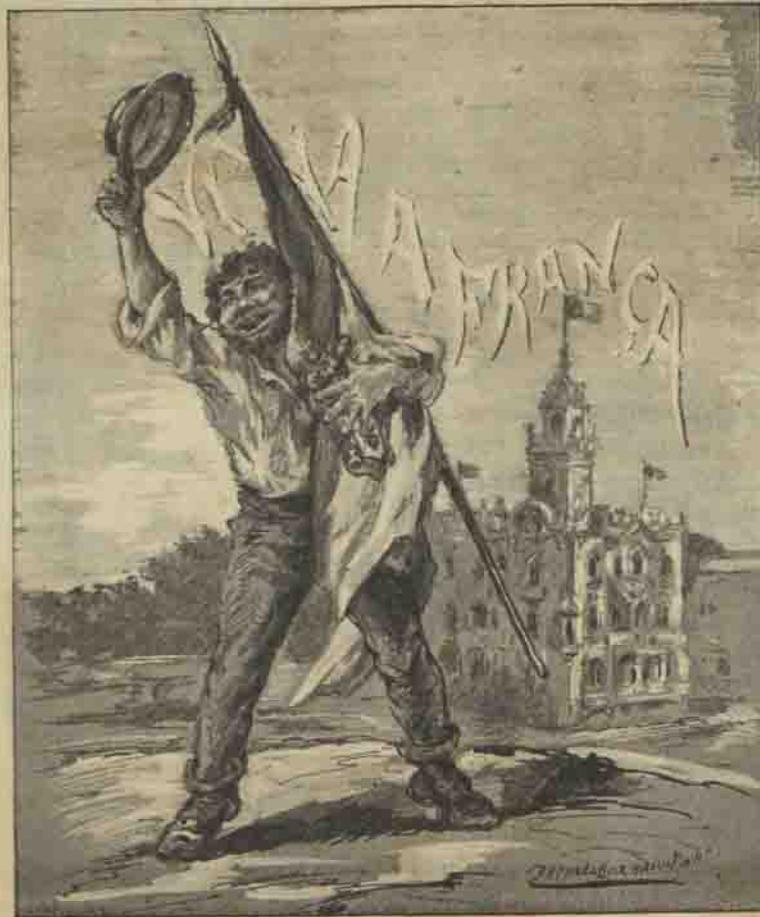
Os sorrisos de varios compatriotas meus, e as felicitações dos parisienses, é que hoje me animam a continuar com mais ardor do que nunca esta propaganda patriotica. E depois do que vi e do que aprendi em Paris; e depois de ver de perto como a França é grande, porque os francezes só admiram a França, fazendo guerra a toda e qualquer inovação que lhes seja imposta pelo estrangeiro, — com mais enthusiasmo ainda grito:

— Viva a França!

— Viva Portugal!...

Paris, 1889.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.



PARIS. — IMPRESSA P. MOULLOT, 43, QUAI VOLTAIRE.

